



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-
PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROBERTA PANTOJA PACHECO

**MEMORIAL: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MINHA ATUAÇÃO
DOCENTE**

GURUPÁ-PÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P116m Pacheco, Roberta Pantoja.
Memorial: Trajetórias e Desafios de Minha Atuação Docente /
Roberta Pantoja Pacheco. — 2023.
30 f.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Raimunda do Socorro Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de
Educação, Altamira, 2023.

1. Atuação docente. 2. Memorial. 3. Trajetória. I. Título.

CDD 370

ROBERTA PANTOJA PACHECO

MEMORIAL: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MINHA ATUAÇÃO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, *Campus* Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Plano Nacional de Professores da Educação Básica (PARFOR)–Turma Gurupá-Pará, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Raimunda do Socorro Rodrigues

GURUPÁ-PARÁ
2023

MEMORIAL: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MINHA ATUAÇÃO DOCENTE

Elaborado por

Roberta Pantoja Pacheco

Como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciada em Pedagogia

TCC aprovado em 23 / 01 / 2023.

Prof.^a Msc. Raimunda do Socorro Rodrigues – UFPA (Orientadora)

Prof.º Dr. Luiz Carlos Souza Bezerra – UFPA (Membro da Banca)

Prof.º Msc. Marconde Avila Bandeira – UFPA (Membro da Banca)

Dedico este trabalho a Deus, que me deu forças e sabedoria para vencer, mais uma etapa da minha vida. A minha família, especialmente aos meus pais. A todas as pessoas que me ajudaram, me apoiaram e me incentivaram nessa caminhada, dedico esta conquista com amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus que por sua infinita bondade e generosidade fortaleceu-me nas diversidades e me iluminou nos momentos de profundo envolvimento na realização deste trabalho.

A minha mãe Maria Nelis Pantoja, que sempre me deu forças para não desistir dos meus estudos.

Aos meus filhos, minha razão de viver.

A todo o corpo docente, pela dedicação e empenho em transmitir os seus conhecimentos sem medir esforços.

A minha orientadora, Professora Mestre Raimunda do Socorro Rodrigues, pela paciência, dedicação prestada na elaboração deste trabalho.

A coordenação Geral /PARFOR, e aos Professores.

As minhas amigas acadêmicas Fabiana Pastana, Fábrika Pantoja, Valdirene Pena, Wânia Rita de Cássia e Fernanda Martins França, sem as quais a vida de universitária não seria agradável, pois tornamos o fardo mais leve, dividindo alegria e tristeza. Cada uma é especial e as quero sempre presente em minha vida.

Amizade além dos muros da UFPA.

Gratidão a todos!

A persistência é o caminho do êxito.

(CHAPLIN,1997. p.118)

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EEEM	Escola Estadual de Ensino Médio
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPA	Universidade Federal do Pará

MEMORIAL: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MINHA ATUAÇÃO DOCENTE

Roberta Pantoja Pacheco¹

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*Memorial: trajetórias e desafios de minha atuação docente*”, tem como objetivo refletir sobre minha trajetória de vida, expondo as principais dificuldades e desafios encontrados em minha atuação docente. Quanto aos objetivos específicos: apresentar os principais acontecimentos e experiências pessoais e profissionais, por meio de uma autobiografia; refletir sobre as práticas metodológicas utilizadas; relatar os desafios e conquistas na minha atuação docente. A justificativa do estudo se deu pela necessidade de fazer uma reflexão de minha trajetória docente, buscando identificar nas práticas metodológicas os principais desafios enfrentados e, estratégias de superação. Em termos metodológicos, esse relato de experiência pautou-se de um estudo autobiográfico, associado a metodologia qualitativa, a qual teve como referencial teórico autores como: Freire (2011), Araújo (2011), Nóvoa (2010), dentre outros.

Palavras-chaves: Atuação docente. Memorial. Trajetória.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), Faculdade de Educação/Campus Altamira, Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: robertapantoja049@gmail.com

MEMORIAL: TRAJECTORIES AND CHALLENGES OF MY TEACHING PERFORMANCE

ABSTRACT

This Course Completion Work entitled "memorial: trajectories and challenges of my teaching activities", aims to reflect on my life trajectory, exposing the main difficulties and challenges encountered in my teaching activities. As for the specific objectives: to present the main events and personal and professional experiences, through an autobiography; reflect on the methodological practices used; report the challenges and achievements in my teaching activities. The study was justified by the need to reflect on my teaching career, seeking to identify in methodological practices the main challenges faced and strategies for overcoming them. In methodological terms, this experience report was based on an autobiographical study, associated with a qualitative methodology, which had as theoretical reference authors such as: Freire (2011), Araújo (2011), Nóvoa (2010), among others.

Keywords: Teaching performance. Memorial. Trajectory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. TRAJETÓRIA DE VIDA PESSOAL	14
3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL	15
3.1 Ensino Fundamental	15
3.2 Ensino Médio	20
3.3 Ensino Superior	21
4. TRAJETÓRIA DOCENTE	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

A palavra Memorial vem do latim *Memoriale* e significa momento, fatos memoráveis, que precisam ser lembrados. Desse modo o Memorial é um importante instrumento para a compreensão dos acontecimentos e uma valiosa referência para a reflexão acerca dos saberes e das práticas docentes.

O memorial possibilita fazer um resgate das lembranças ou acontecimentos de vida, apresentando-se como possibilidade para a reflexão acerca dos saberes e práticas. No exercício de lembrar de algo, cada pessoa realiza um balanço a respeito de um determinado momento vivido.

Em diferentes áreas identificamos estudos que envolvem metodologias de pesquisa sobre memórias, trajetórias e narrativas de vida, mais especificamente da formação de professores, à luz de diferentes autores como Nóvoa e Finger (2010), Souza e Mignot (2008) Passegi e Barbosa (2008).

O memorial é considerado um gênero textual que possibilita ao autor muito mais do que a descrição de experiências: permite o exercício da reflexão sobre tais experiências, que podem ser compartilhadas com os leitores que têm interesse pelos temas abordados.

Na opinião de Moraes (1992), memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita inferências de suas capacidades. Portanto, elaborar um memorial descritivo não é uma tarefa fácil, pois requer reconstituir a própria existência.

Os memoriais se revelam uma amostra modesta, porém vigorosa, do que vem sendo produzido no campo da educação por pensadores de grande prestígio no meio acadêmico e educacional brasileiro (REGO, 2014).

Escrever um memorial é algo que nos leva a reviver as experiências que tivemos, os aprendizados e dificuldades enfrentadas, relacionando tudo com o que nos tornamos e o que contribuiu para a nossa formação como indivíduo social, pois todos os relacionamentos sejam familiares, e/ ou de amigos, cooperam para a construção da nossa identidade, visto que “o homem é um ser social e histórico. Transforma o meio e por ele é transformado. Estabelece relação com o mundo sentindo-se nele e no seu grupo sociocultural.

A partir deste ponto de vista, recordar possibilita relembrar o passado e refletir sobre o que ocorre na nossa própria história. É como fazer um balanço geral sobre avanços e retrocessos

de vida. Segundo Araújo, Gaspar e Passeggi (2011), o memorial permite que o autor registre sua trajetória e ao mesmo tempo faça uma reflexão sobre ela. Desta forma os autores afirmam que:

O memorial é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando comemorar dos eventos constrói pontes com presente que vão dar lugar as verdadeiras aprendizagens (ARAÚJO; GASPAR; PASSEGGI, 2011, p.03).

Escrever um memorial nos remete a conflitos que nos causa ao buscar as memórias e trazê-las para a forma escrita para dar vida às memórias que com o tempo acabam sendo esquecidas. Às vezes não percebemos a importância da escrita de si e as várias mudanças que podem promover neste sentido Souza afirma:(2006, p.101).

A escrita da narrativa, como uma atividade meta reflexiva, mobiliza no sujeito uma tomada de consciência, por emergir do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas impostas pelo mergulho interior, remetendo-o a constantes desafios em relação às suas experiências e às posições tomadas. Diversos questionamentos surgem na tensão dialética entre o pensamento, a memória e a escrita, os quais estão relacionados à arte de evocar, ao sentido estabelecido e à investigação sobre si mesmo, construídos pelo sujeito, como um investimento sobre sua história, para ampliar o seu processo de conhecimento e de formação a partir das experiências.

Assim, o interesse pelo relato de minha trajetória de vida por meio de um memorial como trabalho de conclusão de curso deu-se pela necessidade de refletir sobre diferentes momentos vivenciados e os desafios enfrentados na minha trajetória de vida e, especialmente, como docente. Desde criança enfrentei muitos desafios para chegar na escola. Ia de canoa, pois naquela época não tinha barco para passar os alunos e, como tinha vontade de aprender, fui à luta. Estudava na casa de um tio, pois não tinha escola. Desta forma, a pesquisa em formato de memorial justifica o estudo.

Considerando os objetivos pretendidos que é refletir sobre a minha trajetória docente, a pesquisa desenvolvida é classificada na literatura como autobiográfica. Nessa perspectiva, serei a autora e sujeito desse estudo.

Elaborar um memorial sobre as trajetórias e desafios de minha atuação docente requer relatar vivências e fazer registros, exercitar reflexões, dúvidas, descobertas e sentimentos baseados em minha trajetória desde o início da vida escolar até a formação acadêmica, por meio de minhas memórias, a fim de construir uma produção textual deste memorial, que é dentre outras coisas, requisito avaliativo para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Desta forma, relembrar a minha infância e todo o período escolar vivido a partir de um memorial, requer trazer para o presente, o passado em forma de escrita.

O memorial de formação possibilitará relembrar momentos que julgo importantes, que ocorreram em minha trajetória escolar e acadêmicas, podendo assim refletir sobre os aprendizados e conhecimentos adquiridos, especialmente durante a formação acadêmica que nos permite autoanalisar o quanto ainda necessitamos aprender e continuar em busca de conhecimento para aprimorar a formação docente.

Diante das reflexões feitas o estudo pretende responder a seguinte questão: De que forma a escrita de um memorial pode contribuir para refletir sobre as principais dificuldades e desafios encontrados em minha atuação como docente?

Destacamos como objetivo geral, refletir sobre minha trajetória de vida, destacando as principais dificuldades e desafios encontrados em minha atuação docente.

Enquanto objetivos específicos destacam-se: apresentar momentos de minha trajetória de vida pessoal; analisar etapas de minha formação educacional; refletir sobre minha prática docente.

A metodologia utilizada pautou-se pela natureza do tipo de pesquisa autobiográfica, a mesma desenvolvida com abordagem qualitativa, utilizando-se também de levantamento bibliográfico, como forma de qualificar as informações oriundas do relato feito.

Os momentos apresentados neste memorial constituem uma narrativa, estabelecida da seguinte forma: 1) Introdução, com considerações sobre o que é o memorial; 2) Trajetória de vida pessoal; 3) Trajetória educacional, reencontro com as memórias escolares, sobre meus anos de aprendizado, onde relato minhas lembranças do ensino que obtive em diferentes escolas, com destaque para minha trajetória acadêmica; 4) Trajetória profissional, com ênfase em minha atuação como docente na educação básica; 5) Considerações finais, tecendo algumas reflexões sobre cada parte de minha trajetória.

2. TRAJETÓRIA DE VIDA PESSOAL

Eu sou Roberta Pantoja Pacheco, nasci no dia 21/11/1994, filha de um casal Roberto Ferreira Pacheco e Maria Nelis Pantoja Pacheco. Nasci na comunidade Bom Jardim, localizada no Rio Pucurui/Igarapé Santa Cruz, zona rural do município de Gurupá Estado do Pará.

A comunidade Bom Jardim é composta por dezenove famílias. Tem uma vila de nove casas, incluído a Igreja Assembleia de Deus. Aos finais de semana as pessoas se reúnem na igreja e a comunidade Bom Jardim fica um lugar muito bonito. Percebe-se a alegria nos olhos de cada pessoa e isso me traz muita felicidade, pois é um momento de adorar ao criador.

Tenho seis irmãos, sendo quatro homens: Adaias, Robson, Raildo e Felipe, e duas irmãs Rosana e Railana, sou a segunda filha de meu pai, pois ele teve o primeiro filho com a primeira mulher, e a primeira filha de minha mãe. Sou mãe de dois meninos que são a razão do meu viver: Silas e Rômulo Amor infinito, sou casada com Sinei Barbosa. Também tenho quatro sobrinho(a)s, Ítalo, Ariela, Taila e Kaio.

Meu pai não foi alfabetizado e minha mãe estudou até a 4ª série do ensino fundamental, eles são ribeirinhos, trabalhadores rurais, nascidos na comunidade Bom Jardim, localizada no Igarapé Santa Cruz, área rural de Gurupá/PA.

Todos os meus irmãos tiveram acesso à educação, porém não terminaram os estudos - por questões pessoais desistiram de estudar. Meus irmãos e irmã estudaram até a 4ª série. Eles são trabalhadores rurais assim como meus pais.

Somente meu irmão caçula, chamado Felipe, é que ainda estuda, mas está muito atrasado nos estudos. Ele está com onze anos e não sabe ler, e isso me deixa muito triste. Peço a Deus todos os dias que ele dê sabedoria para meu irmão aprender a ler.

Dos irmãos, apenas eu estou conseguindo concluir o ensino de nível superior, realizando meus objetivos, que é o de finalizar meu curso de Pedagogia.

Eu posso falar que sou uma pessoa muito guerreira, que não me deixo abater por qualquer coisa, sempre luto pelo que quero e eu consigo porque sou muito persistente.

3. TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

3.1 Ensino Fundamental

Iniciei meus estudos no ano de 2006, aos doze anos de idade, na primeira série, em um refeitório da igreja assembleia de Deus, localizada no rio Pucurui, Igarapé Santa Cruz na comunidade Bom Jardim, município de Gurupá/PA. Esse espaço foi cedido pela igreja assembleia de Deus, ou seja, era alugado porque não tinha um prédio próprio da prefeitura municipal de Gurupá. Desde pequena me lembro que as aulas eram nesse refeitório, porém não sei por quantos anos as aulas funcionaram neste local.

Até o ano de 2022 os alunos estudaram nesse refeitório, já que não tinha um prédio próprio da prefeitura. Depois de muito tempo, graças a Deus e às reivindicações feitas pela

comunidade, no mesmo ano construíram (em área de terra firme) a primeira escola na comunidade Bom Jardim. A escola é composta por duas salas de aula e uma cozinha. Porém, ainda falta algumas coisas para terminar. Só assim as crianças passaram a estudar no espaço escolar, para ter uma educação melhor.

Nessa escola (Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jardim) cabiam 47 alunos, ela funcionava em dois turnos: manhã e tarde. De manhã estudavam os alunos da pré-escola até o 3º ano, e a tarde, os alunos do 4º e 5º ano.

Quando eu comecei a estudar no ano de 2006 na escola municipal Bom Jardim, localizada no rio Pucuruí, Igarapé Santa Cruz, área rural do município de Gurupá/PA. Tinha só uma professora, essa professora era da comunidade Bom Jardim.

Nesse ano de 2006 não tinha barqueiro, eu e meus irmãos íamos de canoa para escola estudar.

A canoa em geral é a definição que se aplica a uma embarcação, leve a remo ou a vela, algumas com motor de popa, geralmente em uma só peça, como troco de árvore, ou a um objeto similar.

Lembro tínhamos que colocar nossos cadernos em sacos de plásticos, para não molhar, já que não tínhamos nada para nos cobrir quando chovia. Eu tinha muito cuidado com nossos materiais escolares, porque não tínhamos dinheiro para comprar outros. Lembro que minha mãe fritava peixe para mim e meu irmão levar para merendar, porque muitas vezes não tinha merenda escolar.

A prefeitura fornecia a merenda escolar, porém não dava para passar o mês todo, dava somente para passar quinze dias. A merenda que ia era charque, feijão, sopa de letras, arroz, almondegas, suco de caju e bolacha. Lembrando que essa é uma realidade das escolas ribeirinhas.

Lembro que ao entrar na sala, muito tímida, minha professora muito carismática cumprimentou-me juntamente com os demais colegas. O relacionamento com as outras crianças e adolescentes, o carinho e atenção da professora, ajudaram-me rapidamente com a ambientação escolar.

Nesse primeiro dia e nos demais também cantávamos, orávamos o pai nosso, e fazíamos algumas brincadeiras durante as aulas, além do recreio sempre divertido. As atividades eram desenhos, leituras de vogais monossilábicas, coordenação motora. Bem como a utilização da

soletração e repetição para a memorização das famílias silábicas. Nesta dinâmica, percebo que fui alfabetizada a partir da tendência tradicional.

Constantemente fazíamos leitura na cartilha do ABC (figura 1), outra metodologia tradicional da leitura e escrita e, recordo que minha primeira palavra foi “batata” pois a professora contou um versinho famoso “batatinha quando nasce, esparrama pelo chão.” Este fato marcou no início do meu contato com o mundo da leitura.

Figura 1: Cartilha do ABC



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/423268064950322736/>

Segundo Lima, Maia e Melo (2018), entre 1890 e 1970 as discussões sobre o aspecto metodológico da alfabetização mostram a limitação dos métodos de ensino, limitados à leitura e escrita e, de pouco material de apoio pedagógico na época. Sendo duas aplicações evidenciadas nesse período: os métodos sintéticos e os analíticos.

Esse primeiro momento, até o final do império brasileiro, se tratando do ensino da leitura, constitui-se como um período em que o trabalho da leitura e da escrita contava com pouco material de apoio pedagógico específico, assim como ambientes escolares desfavoráveis e com poucas exigências sociais em leitura. As cartas do ABC era o recurso mais recorrente e popular da época. Com letras do alfabeto nas distintas formas (maiúscula, minúscula, manuscrita, impressa) e valorizando práticas do método sintético (soletração, silabação e fônico) a leitura e a escrita eram trabalhadas com forte apelo à memorização, à repetição, seguindo a lógica do trabalho com palavras descontextualizadas (MORTATTI, 2000 *apud* LIMA, MAIA, MELO, 2018, p.2-3).

Assim, hoje posso afirmar que fui submetida ao método tradicional de alfabetização denominado de alfabético de soletração, o qual frisa a sonorização e repetição dos sons de vogais monossilábicos de famílias de palavras. Por esse método a criança começa a ler sentenças curtas e vai evoluindo até conhecer histórias. Por este processo, a criança vai soletrando as sílabas até decodificar a palavra. Segundo Frade (2007, p.1)

o método alfabético pode ser considerado o mais antigo. Segue o princípio geral dos métodos sintéticos, de centrar a atenção do aprendiz em unidades menores e abstratas, a serem combinadas progressivamente. Em sua estrutura mais básica, propõe aprender os nomes das letras do alfabeto, reconhecer cada letra fora da ordem, soletrar seu nome, decorar alguns quadros de sílabas e depois tentar redescobri-las em palavras ou textos, a partir da soletração – com separação por hífens ou espaços que vão guiando a oralização. No Brasil, é comum o uso das expressões “Cartas de letras” ou “Cartas do ABC”, “Cartas de sílabas” e “Cartas de nomes”, o que indica a sequência em que a soletração é exercitada.

Desta forma, o método alfabético ou de soletração usado no processo de alfabetização e letramento, objetiva ensinar as letras em ordem alfabética e a soletração, quando a criança decodificar as letras e sílabas até conseguir construir palavras e frases.

Método é também considerado a soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados à pessoa alfabetizada (SOARES, 2010, p.93).

No ano de 2007, com treze anos de idade, eu cursei a 2ª série do ensino fundamental menor e, com a graça de Deus fui aprovada, alcançando boas notas. Estudei na mesma escola, Bom Jardim, no rio Pucurui Igarapé Santa Cruz. Nesse ano a prefeitura contratou uma professora, que era uma excelente profissional e, que jamais irei me esquecer. Ela despertou em mim um desejo de me tornar professora, pois passava segurança nas suas aulas e isso fazia com que os alunos aprendessem mais rápido.

No ano de 2008 fiz a 3ª série do ensino fundamental menor. A prefeitura contratou um professor da cidade de Gurupá, para trabalhar na escola Bom Jardim, porque nesse ano tínhamos professor na área para atuar. Ele fez um bom trabalho, era uma pessoa muito eficiente nas suas aulas, e quando passava as provas eu só tirava boas médias, nunca tirei nota vermelha. No final do ano teve uma reunião e ele me parabenizou, porque durante o ano letivo fui uma excelente aluna, conversou com meus pais sobre a possibilidade que eu tinha de cursar a 5ª série, ou seja, se eles concordassem eu não iria fazer a 4ª série, mas sim já passar para o 5º ano do ensino fundamental maior. Nesse ano de 2008 eu estava com quatorze anos e meus pais concordaram que eu podia sim fazer a 5 série.

Todo esse período escolar, tanto eu quanto meus irmãos tivemos grande acompanhamento de nossos pais, o que é fundamental para o bom desempenho do processo de ensino e aprendizagem, pois como afirma Freire (1996, p.106) “é indispensável que os pais tomem parte das discussões com seus filhos em torno desse amanhã. Não podem e nem devem omitir-se, mas precisam saber assumir que o futuro é de seus filhos e seu”.

Portanto, quando o aluno recebe todo o apoio e acompanhamento familiar com a presença de pais participativos tanto na família quanto na escola, tende a responder positivamente as atividades educativas como um aluno interessado pelos estudos, obtendo altos rendimentos avaliativos e sente-se incentivado a torna um cidadão responsável, apto a ocupar seu espaço na sociedade, colaborando por uma sociedade mais humana e solidária (PARO, 2000).

A escola e a família não podem trabalhar de forma isolada, uma vez que ambas se completam, cada uma com sua importância no processo de ensino-aprendizagem, sendo que uma completa o trabalho da outra, com vistas ao entendimento, ao respeito mútuo e à compressão na qual a criança seja a maior beneficiária, com a formação integral.

A Escola Bom Jardim foi fundada dia 01 de maio de 1989. Quem colocou o nome dessa escola Bom Jardim foi a Sr. Osvaldino Martins França, hoje já falecido. Ele deu o nome a escola porque é o nome da comunidade.

Em 2009, fui estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental São José do Jutaí, localizada no Rio Pucurui, no município de Gurupá /PA. Para mim foi uma felicidade muito grande poder estudar nessa escola, porque iam alunos de outra escolinha e isso era muito bom, conhecer novos colegas e amigos, professores etc.

Porém, enfrentei várias dificuldades para chegar na escola, porque no igarapé Santa Cruz a água seca no mês de outubro e eu tinha que ir em canoa pequena, que cabia só eu até chegar em um lugar que já tinha água. E não era só eu que fazia isso, todos os demais colegas faziam e, quando não dava para ir de canoa tinha que ir pelo caminho, pois era a única solução que tinha para chegar até a escola. Eu saía de casa as seis horas da manhã, e ia empurrando a canoa com vara porque não dava para ir remando.

No caminho não colocava nada no pé que desse para cobrir, pois se usasse era mais fácil afundar na lama, porque algumas áreas eram fundas e eu tinha que ter muito cuidado para não cair. Além disso tinha o pico, que quando esportava na minha perna dava uma coceira muito grande e isso me agoniava muito.

Muitas vezes chegava atrasada na escola por este motivo. Não tinha como chegar na hora certa, porque além de vir pelo caminho, de um certo lugar pegava a catraia e vinha empurrando de vara, quando dava para funcionar o motor. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas eu nunca, sempre persisti.

Também nessa escola conheci muitos professores que me incentivaram, pois, foram muitos eficiente no meu processo de ensino e aprendizagem. Sou muito grata a todos. Não tenho

palavras para agradecer a esses profissionais da área da educação, todos foram de suma importância na minha educação.

Ao retomar minhas lembranças, percebo que os problemas que enfrentei só vieram para aumentar o meu desejo de concluir o ensino fundamental maior. Para poder chegar a um objetivo temos que lutar, muitas vezes alegre e triste.

Dessa forma conclui o ensino fundamental com muita luta, o mais importante é que venci com a graça de Deus, valeu a pena todo o sacrifício, pois adquiri muito conhecimento. Aprendi desde pequena que não há vitória sem luta, ou seja, eu tinha que superar todos os meus medos e meus problemas, ser forte o bastante para alcançar meus objetivos. Conclui o ensino fundamental no ano de 2012, muito feliz e muito grata a Deus por me dar força para vencer cada obstáculo que enfrentei na minha jornada, que não foi fácil, mas superei cada um deles.

3.2 Ensino Médio

No ano de 2013, tive que me mudar para cidade de Gurupá, pois na escola São José do Jutai não tinha o Ensino Médio, e meus pais não tinham casa na cidade. Morei com meus avós paternos: Maria Pimentel Ferreira e Manoel Pinto Pacheco, dos quais sou muito grata, especialmente à minha querida avó, hoje já falecida, mas enquanto viveu foi uma pessoa humilde, amorosa com sua família. Quando vim para a cidade minha avó ficou só dois meses comigo, porém teve que viajar para a cidade de Belém do Pará, para fazer alguns exames e passear com seus filhos que moram na capital.

Fiquei muito triste quando meus avós viajaram porque eles sempre me ajudaram financeiramente com a alimentação e meus produtos de higiene pessoal, porque minha família não tinha condições de me manter nos estudos. Mesmo diante dessa situação complicada fiquei estudando, morando sozinha na casa de meus avós. Muitas vezes meus pais deixavam vinte reais, trinta reais porque não tinha mais para me dar. Estava prevista a volta de minha avó para a cidade de Gurupá, porém ela veio a falecer no dia 14 de agosto de 2013. Assim minha família ficou muito abalada, e eu não sabia o que fazer, porque amava e amarei para sempre minha avó querida.

Também no ano de 2013, iniciei os estudos já grávida de minha primeira filha. Fiquei muito feliz, mas no segundo semestre foi muito complicado, pois fiquei sozinha, com gravidez e sem o apoio de minha avó. Estudei até o mês de novembro, mas tinha muitas faltas, devido ficar muito enjoada e sonolenta. Infelizmente, tive que parar os meus estudos, devido ao nascimento de minha filha. Minha princesa nasceu no dia 24 de novembro de 2013, trazendo

muita alegria. Mas, eu não tinha condições de me manter na cidade com uma criança pequena recém-nascida, retornei para a casa e meus pais no interior, fiquei muito triste porque queria terminar o ensino médio, mas nesse ano não foi possível concluir o 1º ano do ensino médio, devido minha gravidez ser muito complicada.

No ano seguinte, em 2014, retornei a estudar na Escola Estadual de Ensino Médio - EEEM Marcílio Dias - repetindo o 1º ano, ainda mais decidida a lutar pelos meus estudos. Nessa escola conheci grandes profissionais da área da educação, que fizeram toda diferença no meu processo de ensino-aprendizagem. Fazia muitos seminários e isso me fazia perder o medo de me expressar sobre muitos assuntos.

Passei três anos estudando na Escola Marcílio Dias, muitas vezes chorava porque ficava sozinha na casa de minha avó e não tinha dinheiro para comprar comida, minha família é muito humilde. Minha mãe ficou com a minha filha no interior, no igarapé Santa Cruz, para eu poder estudar.

Mas, mesmo diante dessas circunstâncias eu não desisti, pois meu maior sonho era ser docente. Portanto, consegui concluir o Ensino Médio no ano de 2016.

3.3 Ensino Superior

Nessa perspectiva, da necessidade de ter uma formação me firmar no universo da qualificação profissional, me inscrevi no ano de 2018, pela Plataforma Freire², no curso de pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Neste momento ressaltarei a magnitude de apresentar por meio de relatos, a importância deste Programa na minha vida profissional, pois vi com ingresso no PARFOR uma grande possibilidade de ascensão dentro da minha profissão.

Nessa perspectiva de formação continuada, que percebo o quão relevante é esse aperfeiçoamento dentro das legislações educacionais, dando condições para estas formações docentes, criando um universo de expectativa para a melhoria de práticas educacionais com a finalidade de aplicar todo conhecimento adquirido nas ações docentes.

Com o suporte teórico recebido nas aulas, por meio de cada disciplina cursada, foi possível compreender o quanto o conhecimento acadêmico faz diferença em nossa vida, seja

² A Plataforma Freire é um sistema informatizado, desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC), por meio do qual os professores poderão se inscrever em cursos em todo o país, é destinado para profissionais que já atuam na docência. <http://freire2.capes.gov.br>

como educando ou educador. A contribuição desse conhecimento recebido está se dando na escrita deste memorial, com a possibilidade de verificar que os relatos de vida dos docentes, contribuem com as demandas de formação continuada, e que vão se modificando na medida que o tempo passa.

As aulas iniciaram no dia 04 de janeiro de 2019, no mesmo dia em que entrei em trabalho de parto, por isso eu não pude participar, porque estava no hospital. Porém, depois que sair do hospital fui à escola e conversei com os professores. Tive que ir para a escola, para assistir as aulas. Levava meu bebê no carrinho e a minha irmã caçula ia para me ajudar a cuidar dele.

Eu estava muito feliz com meus estudos e, com o meu bebê mais ainda porque “a partir do momento que você estuda sua vida muda em todos os sentidos. A sua vida profissional e a sua vida particular mudam em muitas coisas. Os estudos abrem os olhos” [frase da autora do memorial]

Estava feliz em fazer novas amizades e principalmente porque iria adquirir muitos conhecimentos para trabalhar com meus alunos.

A disciplina Ludicidade e Educação me fez perceber o quanto é possível as crianças aprenderem através da música, da brincadeira, dos jogos, levando em consideração o desenvolvimento integral da criança com a realidade que a cerca, me apropriando ainda das teorias de vários autores que discorrem sobre a temática.

A prática pedagógica através da ludicidade pode proporcionar o desenvolvimento de atividades que estimule o raciocínio lógico, a criatividade e o crescimento pedagógico de forma mais significativa. De acordo Gulineli (2008, p.9), a atividade lúdica é um fator muito importante para o desenvolvimento da criança.

A ludicidade contribui na aprendizagem e conhecimento da criança, pois possibilita a criatividade, interação social, e sadio através do relacionamento entre o grupo desenvolvendo seu potencial cognitivo, motor e social.

A ludicidade proporciona o educando o seu desenvolvimento pessoal, associado aos fatores sociais e culturais, colaboram para uma boa saúde física e mental, facilitando o processo de socialização, comunicação, construção de conhecimento desenvolve pleno do processo do ensino e aprendizagem.

Foi como a retirada de uma “venda dos meus olhos”, pois a cada experiência vivida dentro do curso de pedagogia significava ganhar suporte para expandir meu mundo interior, no sentido de significação existencial, profissional, corroborando para o aprofundamento do ensinar e aprender pois, Freire (1996, p.96) afirma:

Ensinar exige sempre bom senso para não ser nem um professor licenciado, nem um déspota da educação. A realidade é dada essencial na construção e reconstrução dos conhecimentos, assim como sempre aprender com ela porque ensinar e aprender não são isolados. Fruto dessa inconclusão do ser, é necessário ao bom educador a crença de que mudar é possível. Logicamente como ensinar é participar de várias construções de vários saberes é preponderante que o educador seja curioso a pesquisar o mundo... Educação exige comprometimento.

Porém, não pude terminar a metade do curso de pedagogia, porque meu filho ficou doente e eu tive que viajar para a cidade de Breve, pois o caso dele era muito grave e tive que para minhas aulas.

Ele já estava a uma semana internado no hospital aqui na cidade de Gurupá. No dia 21 de janeiro de 2021, fomos para o hospital da UP em Breves, pois no hospital regional não tinha leito para ele, que estava respirando através de oxigênio. Fiquei desesperada, não sabia o que fazer. Passei três dias com ele na UPA, e no terceiro dia deu uma crise nele e foi preciso os médicos entubar ele.

Parecia que o céu tinha desabado na minha cabeça porque estava passando por essa situação. Meu filho estava com os dois lados do pulmão todo comprometido de pneumonia, infecção no sangue, anemia. Parecia que eu não tinha forças para andar, de tanto ver meu bebê sofrer e não poder fazer nada.

No dia 24/01/2020, a meia noite, foi liberado um leito da UTI pediátrica e meu filho foi transferido às pressas. Chegando lá operaram o lado esquerdo do pulmão e drenaram. Ele estava reagindo bem, porém no dia 27 de janeiro de 2020 deu duas paradas respiratória nele, afetando todo o cérebro dele, que passou 15 minutos com o coração parado. Eu fiquei quase louca de ver tanto sofrimento em uma criança de apenas um mês de idade. Falei: meu Deus, meu filho um inocente passando por tudo isso. Ele ficou em coma um mês e quatorze dias.

Enfim, passamos três meses e quatorze dias no hospital regional de Breves na UTI pediátrica, porém meu filho ficou em estado vegetativo, mudando a minha vida completamente. Hoje falo que não vivo mais a minha vida, vivo para ele. Ele faz uso da traqueostomia e gastrostomia, ele não anda, não fala, ou seja, ficou dependente de mim e do pai dele.

Porém, Deus, me levantou quando não tinha mais forças para lutar, me deu coragem, para ajudar meu filho, pois eu tinha que fazer por ele. Agradeço a Deus porque deu uma chance para meu filho estar ao meu lado. Sempre falo que sem meu filho eu não sei como será minha vida.

Confesso que durante o momento de escrever sobre esses acontecimentos reais na minha vida, não pude controlar meu choro. É como se estivesse vivenciando todo o percurso com ele, e da agonia em lembrar tudo de novo.

Pensava nos meus estudos que já estava sendo pelo ensino remoto. Porque a covid 19 afetou o mundo inteiro e as aulas não podiam ser presenciais.

Portanto, fiz algumas disciplinas no ensino remoto, porém tive que viajar muito para a cidade de Breves, com ele doente, indo muitas vezes parar na UTI. Dessa forma, eu não tinha como frequentar as aulas, porque não podia entrar com celular na UTI. Quando não viajava estudava online, mas perdi muitas disciplinas e muitos conhecimentos, mas tudo é feito pela vontade de Deus. Fiquei muito triste, pois era um sonho participar de todas as aulas.

No entanto fiz as cinco últimas disciplinas, pensei muitas vezes em desistir, porém, minha mãe e alguns colegas da faculdade me incentivaram a não desistir, e então fui a luta pelos meus filhos e assim concluí as cinco disciplinas, porém, com muita dificuldade pois é difícil conciliar escola e trabalho de casa. A que mais se destacou foi a disciplina do pré-projeto de TCC porque não tinha feito nada e eu tive que estudar até de madrugada, das 10:00 da noite, até as 4:00 da manhã.

Fiquei muito preocupada, principalmente com meu filho especial, pois sou eu que cuido dele todos os dias, e como ele não anda e não fala, depende totalmente de mim 24 horas; mesmo diante desses desafios não desisti mas persistir até o fim, porque quando se tem vontade de aprender, vamos à luta e conseguimos alcançar nossos objetivos.

4. TRAJETÓRIA DOCENTE

Iniciei minhas atividades docentes no dia 05 de fevereiro de 2017, assumindo a regência de uma turma multisseriada, na Escola Municipal de Ensino Fundamental - EMEF Bom Jardim, localizada em uma comunidade rural do município de Gurupá/ PA.

Para trabalhar com a educação Infantil e 1º ano do ensino fundamental, acreditava que para esta parcela da população brasileira, qualquer tipo de formação era o suficiente.

Essa concepção também é considerada por ARROYO (2009, p.71) como sendo:

A imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos, é que para escolinha rural qualquer coisa serve. [...]Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler.

Esse foi o meu primeiro desafio. No meu primeiro dia na sala de aula, cumprimentei os alunos, falei meu nome e, em seguida, perguntei o nome de cada um deles. Conversei com eles que não podiam falar palavrões, não podiam beliscar os coleguinhas. Fui colocando como era para eles se comportarem na escola. Em seguida cantávamos algumas musiquinhas um

exemplo: *a música das vogais e dois indiozinhos*. Estudos comprovam que a música aumenta as capacidades da criança, despertando o interesse e tornando o percurso mais interessante e o professor pode ser visto como parte essencial nesse processo.

Quando terminávamos as musiquinhas fazia a leitura das vogais, do alfabeto e dava desenhos para os alunos pintarem. Fazia exercícios de pontilhados com vogais para desenvolver a coordenação motora fina das crianças na creche e pré-escola, possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades artísticas, raciocínio lógico criatividade e percepção visual.

Fazia a leitura dos numerais de 0 a 10 com os alunos da educação infantil e do 1º ano. Trabalhava atividades lúdicas com as crianças, por meio desenhos, pinturas. Através do lúdico é possível estabelecer regras aos alunos da educação infantil, pois os mesmos, desenvolvem a parte cognitiva, motora, social e afetiva, proporcionando também a socialização e interação das crianças que aprendem, brincando. Segundo Freire (1991, p. 39), “a criança que brinca em liberdade, sobre o uso de seus recursos cognitivos para resolver os problemas que surgem no brinquedo, sem dúvida alguma chegará ao pensamento lógico de que necessita para aprender a ler, escrever e contar”.

Também contava histórias, como a do chapeuzinho vermelho, dentre outras. Segundo Piaget (1978), a prática da contação de história auxilia na formação humana, através da imaginação, atenção, linguagem. A criança aprende pelos objetos, com o meio social, brincadeiras e jogos, contribuindo para a promoção de aprendizagens com sentido e significado.

Quando comecei a trabalhar tive que comprar materiais para os meus alunos, porque alguns não tinham lápis de cor, mandava imprimir trabalhos, levava alguns cadernos para casa do meu pai para fazer as atividades e os demais que não tinham fazia na folha com pauta. Nenhum dos meus alunos ficavam sem os trabalhos escolares.

Estava muito feliz em trabalhar com a educação infantil e o 1º ano, também porque a minha filha estava estudando comigo e não tinha palavras para expressar minha felicidade.

Porém, a minha felicidade durou pouco tempo, porque no dia 08 de abril de 2017, minha única filha, minha razão de viver, veio a falecer afogada, para o meu desespero e da minha família. Porque eu que encontrei o corpo da minha filha e trouxe aqui para a cidade de Gurupá com meus irmãos, que eram pequenos. Meus pais, estavam cuidando do meu avô paterno Manoel Pinto Pacheco. Trouxemos o corpo dela de catraia e ela vinha no meu colo, meu coração ficou despedaçado, parecia que minha vida tinha acabado junto com a dela.

Fiquei sem chão, para mim o mundo não era mais o mesmo sem ela. Pensava: como é que eu vou fazer para trabalhar com essas crianças, sem minha princesa, não vou conseguir. Fui afastada por 15 dias e depois retornei para trabalhar. Foi muito difícil, pois olhava para o lugar que ela sentava e somente Deus sabia o meu sofrimento que era muito grande.

Pedi forças para Deus, porque tinha que fazer meu trabalho com os meus alunos. Enfim, tinha um sorriso no rosto, porém, meu coração estava totalmente angustiado e despedaçado.

Tinha que ser forte porque nessa escola Bom Jardim é existe um calendário diferenciado e não tem férias no mês de julho. Devido o igarapé secar no mês de outubro, os alunos eram prejudicados, por isso a existência do calendário diferenciado. Assim, no mês de outubro todos os alunos estão de férias.

Portanto, tive que me acostumar sem minha filha, o que não foi fácil, mas Deus me deu forças para superar porque tinha que ser forte pelas crianças. Depois que percebi que meus alunos conheciam as vogais, passei a explorar a parte dos nomes dos animais com as figuras.

Trabalhei dois anos com a educação infantil e 1º ano. No segundo ano como docente, trabalhei com alunos do 4.º ano e 5.º ano. Lembrando que durante os três anos que atuei em sala de aula trabalhei na mesma escola municipal de ensino fundamental Bom Jardim.

Durante os três anos que fiquei nessa escola não tive suporte de coordenador pedagógico, ou seja, tive que me virar sozinha para poder trabalhar.

Na trama de relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e de normas que regem o cotidiano educativo e das relações no interior e no exterior do corpo docente. Nesse processo vão construindo seu ser profissional (FONTANA, 2010, p.50).

A Secretaria Municipal de Educação - SEMED de Gurupá mandava os assuntos para ser trabalhados, porém eles não correspondiam com a necessidade dos alunos. As palavras de Arroyo (2009) refletem essa realidade curricular nas escolas do campo, ao dizer que:

A imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos, é que para a escolinha rural qualquer coisa serve. [...] Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler. (ARROYO, 2009, p. 71).

Quanto a minha atuação docente, lembro-me que bastava encontrar a receita certa para cada conteúdo e repeti-la ano após ano. Porém, a prática mostrou-me que a metodologia que havia dado certo em um ano e com um determinado grupo de alunos, no ano seguinte mostrava-me ineficiente, pois o contexto já não era o mesmo e o ponto de partida das crianças, a cada

ano, não se repetia. Segundo Vygotsky (2007), o processo que permite a construção da aprendizagem é permeado por inúmeras influências, que não se restringem apenas a intenção direta do professor.

Hage (2010, p.4) nos auxilia a compreender a configuração atual das turmas multisseriadas ao afirmar que “[...] as escolas multisseriadas, e quem pesem todas as mazelas explicitada, tem assumido a responsabilidade quanto à iniciação escolar de grande maioria dos sujeitos do campo.” Este fato demanda a análise dos traços marcantes da heterogeneidade educacional da Amazonia.

Nesse sentido Hage e Barros (2010) apontam uma série de particularidades que influenciam o currículo e o processo de ensino-aprendizagem de escolas multisseriadas, desde a visão negativa dos sujeitos do campo aos altos índices de reprovação, distorção de idade e série relacionados ao escasso aproveitamento escolar, tudo isso associado com a política educacional e curricular das escolas do campo na Amazônia.

As situações que vivenciam os sujeitos do campo para garantir o acesso e a qualidade da educação nas escolas multisseriadas, em grande medida estão diretamente relacionadas com a política educacional e curricular das escolas do campo na Amazônia, situação que envolve fortes repercussões sobre o fracasso escolar dos sujeitos do campo, expresso nas taxas elevadas de distorção idade-série, de reprovação e de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, comprometendo a qualidade do processo educacional ofertado por essas escolas. (HAGE e BARROS, 2010, p. 352)

Essa realidade enfatizada pelos autores está associada com a minha trajetória educacional e profissional, possibilitando ainda um repensar de minha prática docente e do meu fazer pedagógico. Este fazer, constituído por práticas mais significativas, as quais devem primar pelo envolvimento e aprendizagem do aluno e, de sua cultura na construção do conhecimento. O processo de aprendizagem segundo a teoria sócio-histórica Vygotsky (2007), envolve pensamento e linguagem, surgidos da interação social, aos poucos, vão constituindo um novo modo da criança lidar com a realidade.

Aproximadamente no período em que iniciei minhas atividades na docência da escola multisseriada, instaurou-se um processo que iria trazer profundas transformações no cenário da escolarização no meio rural. Tratava-se das escolas multisseriadas rurais ou escolas do campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de minha atuação como docente, os embates com a realidade e os desafios surgidos fizeram-me perceber que a atividade docente é acima de tudo opção e, no momento

que decidi segui-la tinha consciência que deveria fazê-lo com comprometimento. E, o caminho que escolhi para isto foi o da busca constante pelo aprimoramento.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores de seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

Tenho certeza de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foi em vão. Mas, é importante ressaltar, que embora tenha alcançado essa conquista, tenho certeza de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação na profissão que escolhi, considerando que esta fonte inesgotável, chamado conhecimento, está sempre a disposição para saciarmos a nossa sede.

Diante de muitos problemas de saúde do meu filho não desisti dos meus estudos, sempre coloquei em minha cabeça que se desistisse, seria uma pessoa fraca, mesmo viajando quase todos os meses para a cidade de Breves para cuidar da saúde do meu filho que ficou com baixa resistência e ficou com facilidade de pegar pneumonia.

Passava 19 dias com ele internado na UTI pediátrica, e durante esses dias não podia participar das aulas que eram online, pois na UTI não pode entrar celular, é uma sala restrita.

Mas, a vontade e a força me fizeram concluir as disciplinas, pelos meus filhos que são a razão do meu viver.

Desta forma, a escrita desse memorial de minha trajetória de vida docente foi muito emocionante, sobretudo por conseguir relatar todos os acontecimentos vivenciados por mim, principalmente durante o ensino superior, onde tive que me reerguer quando não tinha forças para lutar. Ou seja, cada obstáculo que veio durante a minha jornada foi para mostrar o quanto sou forte para superá-los.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; GASPAR, Mônica Maria Gadelha de Souza; PASSEGI, Maria da Conceição. Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico in: ANAIS do VI SIGET – **Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**, UFRN, agosto, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). **A educação básica e o movimento social do campo**. In: Por uma educação do campo. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 65-86.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRADE, I. C. A. S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. Educação (UFSM), v. 32, p. 21-40, 2007. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/metodo-alfabetico-e-de-soletracao> Acesso: 12 de dez. de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acesso: 12 de dez. de 2022.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1991.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej; BARROS, Oscar Ferreira. **Currículo e educação do campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo**. *Revista Espaço do Currículo*, v.3, n.1, pp. 348-362, março a setembro de 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/9097/4785> Acesso: 05 de jan. de 2023.

LIMA, Bruna Pereira de; MAIA, Igor Gouveia; MELO, Claudiana Maria Nogueira de. **Alfabetizar na perspectiva do letramento: conceitos, escola e inclusão social**. X Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), novembro de 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46952/1/2018_eve_bplima.pdf Acesso: 05 de jan. 2023.

MORAES, I. N. **Memorial: síntese**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992. Documento apresentado à Faculdade de Medicina para o Concurso de Professor Titular do Departamento de Cirurgia – Disciplina de Cirurgia Vasculária Periférica.

NÓVOA, A. & FINGER, M. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2010.

PASSEGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. São Paulo: PAULUS, 2008.

PARO, Vitor Henrique. **Educação para a Democracia: O elemento que faltava na discussão da qualidade do ensino**. 3. ed. São Paulo, Ática, 2000. (mimeo).

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

REGO, T. C. **Trajetória intelectual de pesquisadores da educação a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 58. Jul. -Set. 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_05_18.pdf. Acesso; 12 de dez. de 2022.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A/ Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf Acesso: 05 de jan. de 2023.